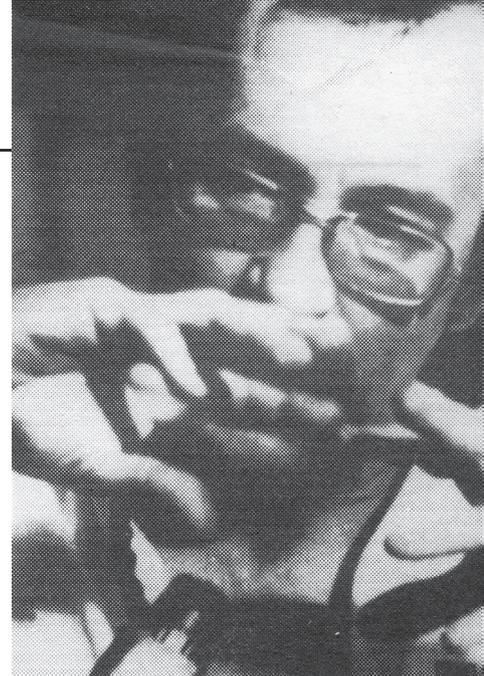


## Leminski, tal que em si mesmo

Leyla Perrone-Moisés



Sobre seu próprio desaparecimento, Mark Twain escreveu a seguinte manchete de jornal: "As notícias relativas à minha morte são muito exageradas". É o que sinto com relação ao desaparecimento de Leminski. A morte de tanta vitalidade deve ser mentira.

Leminski pingou um poema em nosso olho e passou. Passou rápido porque ele morava no olho do furacão. A vida era intensa, mas a poesia era paciente trabalho de linguagem. Leminski não caía no logro da expressividade ou da inspiração. Ostentando as insígnias da contracultura, ele era um poeta culto, que conhecia seu ofício e o levava a sério, num gabinete cheio de vida e de desordem.

A forma breve, por ele cultivada, oferece grandes riscos. O breve pode ser apenas pouco, o menos obtido por subtração. O grande poema breve é concentração sem perda, o máximo no mínimo. Leminski conhecia essa arte e colhia o poema com o golpe certo da espada zen.

Como outros poetas de nosso século, ele encontrou no haikai o humor e a imagem, a economia verbal e a objetividade, qualidades que, segundo Octavio Paz, são também os elementos centrais da poesia moderna.

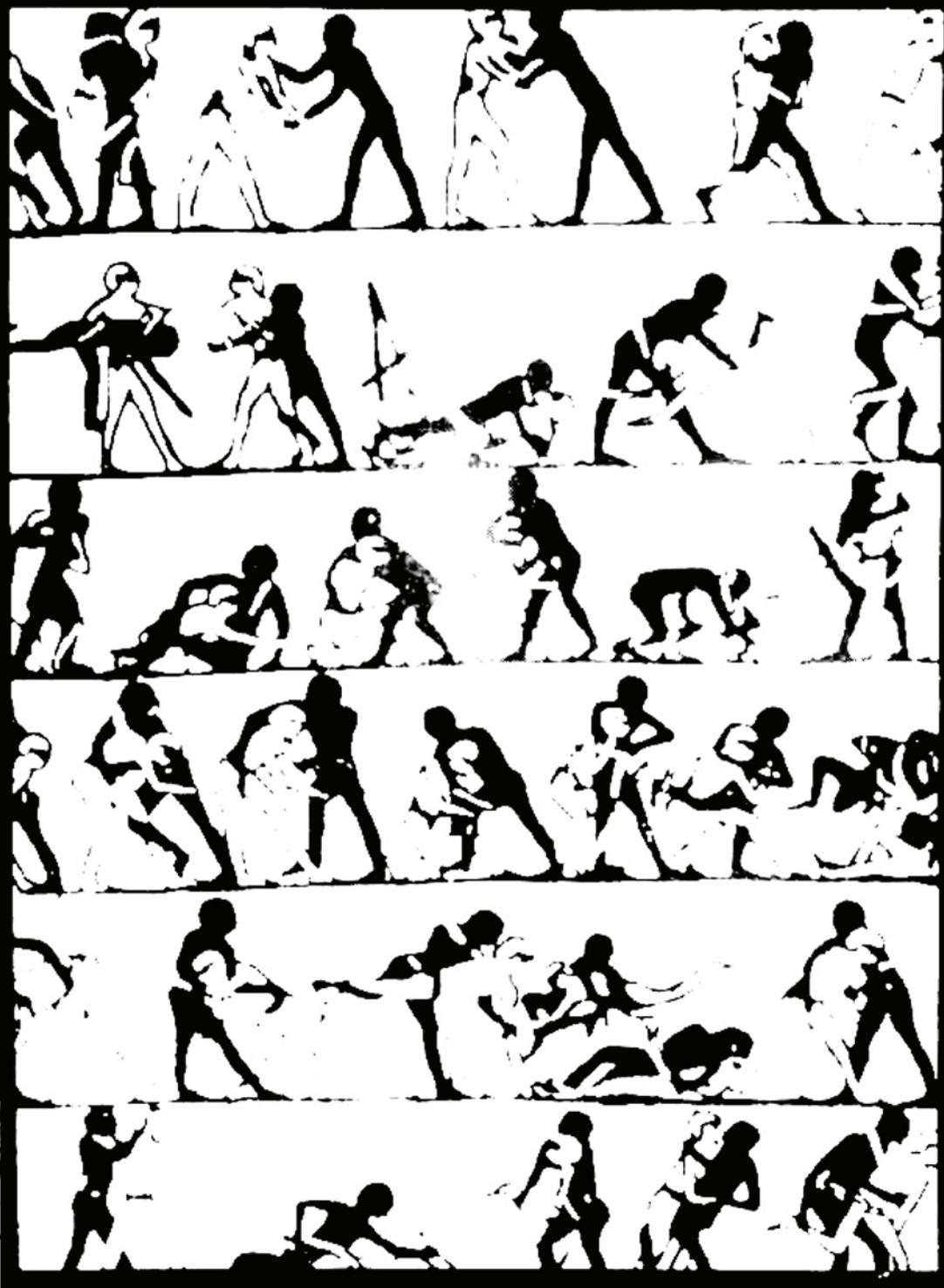
Leminski era transcultural: polonês, caboclo e "japonês", malandro e samurai, provinciano e internacional. Jogava na várzea e falava latim. Eclético e autodidata, era o mais brasileiro dos poetas, talvez o discípulo mais fiel deixado pelo Oswald "pau-brasil": "a palmeira estremece/palmas para ela/que ela merece".

Leminski era intratável. Amor e raiva em fúrias equivalentes, uma força que podia dar em abraço ou em murro. O que garante a sua poesia aquele calor dentro do rigor, palavras habitadas por um corpo. Desconfiava da crítica e da universidade; quando me chamava de Professora, não era um elogio.

Não fazia média com ninguém, nem com ele mesmo. "Na vida ninguém paga meia"; na poesia também não. Leminski pagou e recebeu inteira. A multiplicidade de tarefas, de línguas, de gêneros, de veículos em que ele circulava deixa, paradoxalmente, a lembrança de uma inteireza: a integridade de uma vocação de poeta que ele, obstinadamente, cumpriu.

**LEYLA PERRONE-MOISÉS** é professora do Departamento de Línguas Modernas da FFLCH da USP e autora de "A falência da crítica" (Perspectiva) e "Crítica, texto, escritura" (Ática).

# CATATAU



Capa da primeira edição de "Catatau" (1975) de Paulo Leminski